

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

EDUCAÇÃO KILOMBOLA:

diálogos, reflexões e contribuições para uma educação escolar quilombola

Cláudia Rocha David - Omo Ayo Otunjá

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosimeri Aquino da Silva

Coorientadora: Prof.^a Dra. Valéria Viana Labrea

Porto Alegre

2021

EDUCAÇÃO KILOMBOLA:

diálogos, reflexões e contribuições para uma educação escolar quilombola

Trabalho de Conclusão para o Curso de Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosimeri Aquino da Silva

Coorientadora: Prof.^a Dra. Valéria Viana Labrea

Porto Alegre

2021

DEDICATÓRIA

Com respeito, humildade, gratidão a todas(os) as/os educamores da Escola Comkola Kilombola Epê Layiê – Terra Viva e todas(os) as/os professoras(es) sensíveis a força do esperar por acreditar que somos “cuidamentadeiras”, como diz nossa Yaba Ancestral Mãe Preta e zeladeiras por tudo que nos afeta.

AGRADECIMENTOS

Por aquilo que sou e represento nesse tempo e nessa era gratidão a minha Yaba Ancestral Mãe Preta e meu Bábá Seu Sete por cuidarem sempre da minha jornada espiritual e meus passos no Aiyê (terra).

Tem seres na vida da gente que são muito importantes e fundamentais pelo amor, compreensão, respeito e confiança – minha Ya, minha mãe, minha mainha Iyalasé Yashodhan Abya Yala que disse antes mesmo de procurar uma orientadora, seu TCC já está pronto – o que você vive, sua experiência no estágio e suas vivências como educador da CoMKola – Educação Kilombola. Amor profundo, gratidão por tudo, pelo todo e pelos ensinamentos que passa através dos olhos, do silêncio, do sorriso e no abraço de cada encontro e reencontro.

A minha mãe biológica Iara que ofertou seu ventre para que esse ser que vos fala pudesse estar aqui se manifestando em sentir-pensar-palavras na pele de papel, gratidão.

A Yabace Mako'ilê pelos diálogos sobre educação kilombola, educação escolar quilombola e minhas insistências sobre não sermos mais do mesmo, gratidão.

Aos meus croods, o-madê, crianças educados da nossa CoMKola, gratidão.

A juventude do Semente de Baobá pelo lindo trabalho dos orins de nosso terreiro, de nossa Nação Muzunguê, gratidão.

A minha Comunidade Kilombola Morada da Paz – Território de Mãe Preta, gratidão profunda.

A todos os educadores da CoMKola pelos depoimentos para contribuirmos com aqueles que acreditam que a educação não está por detrás dos muros somente, gratidão.

A orientadora Professora Dra. Rosimeri Aquino da Silva por acreditar e aceitar orientar essa mulher do așè e estudante.

A Professora Dra. Valéria Labrea por coorientar esse trabalho por mais diversa que seja a orientanda.

E por fim, gratidão a todos os orișàs que guardam esse canal.

Atakorê, Ogum!

Epa Hey, Oya!

Saravá, Pai Silvério!

Aṣè , Ibejis!

Ora Ye ye Oh, Oxum!

Nhanderu, Pachamama!

Abawô, Omulu

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo dialogar, refletir sobre a contribuição que a Educação Kilombola, vivida na Escola CoMKola Kilombola Epé Laiyè, pode ofertar para pensarmos a proposta de Educação Escolar Quilombola, dando visibilidade às vivências da educamora kilombola na CoMKola Kilombola e professora-estagiária de Sociologia em uma escola pública. Tendo como possibilidade de demonstrar seus anseios sobre a escolarização e as esperanças que os tempos atuais trazem nas discussões sobre as pedagogias decoloniais, em particular - a Pedagogia do Encantamento, que ganha força nos universos da educação enquanto troca de conhecimentos que não estão somente dentro das instituições escolares.

Palavras-chave: educação kilombola, pedagogias decoloniais, pedagogia do encantamento, educação.

ABSTRACT

The present work aims to dialogue, reflect on the contribution that Kilombola Education, lived at the Comkola Kilombola Epé Laiyè School, can offer to think about the quilombola school education proposal, giving visibility to the experiences of kilombola education in Comkola Kilombola and professor-trainee of Sociology in a public school. Having the possibility of demonstrating their longings about schooling and the hopes that current times bring in discussions about decolonial pedagogies, in particular - the Pedagogy of Enchantment, which gains strength in the universes of education as an exchange of knowledge that is not only within school institutions.

Keywords: kilombola education, decolonial pedagogies, pedagogy of enchantment, education.

SUMÁRIO

1-Introdução.....	10
2-Tecendo um diálogo pedagógico: educação escolar quilombola.....	10
3- Metodologia.....	15
4- Comunidade Kilombola Morada da Paz – Território de Mãe Preta.....	16
5-Escola Comkola Kilombola Epé Layiè.....	20
6-Trajétória: “caminho longo é caminho, é caminhada”	25
7- Educação Kilombola com K.....	27
8- Reflexões sobre a Pedagogia do Encantamento – outros modos de ensinar.....	29
9- Sentir Pensar.....	32
10- Experiência enquanto Professora de Sociologia.....	37
11- Vivência enquanto educador da CoMKola.....	41
12- Considerações Finais.....	45
Referências bibliográficas.....	47
Referências teórico-prático-vivencial.....	47

Agô Yê Mojubá!

Peço licença a Mãe Preta, Seu Sete-divindades que orientam e sustentam a minha caminhada e de toda minha Comunidade Kilombola Morada da Paz; a nossa Iyalasé Yashodhan Abya Yala, a Yabace Mako'Ilê, a Babalawô Mhelkior, a BaOgan Bábá Kínnì e aos meus mais novos para que meu așè de escrita seja de respeito, humildade, veracidade e gratidão.

1 - Introdução

Este trabalho visa contribuir para as reflexões sobre Educação Escolar Quilombola a partir das vivências realizadas na Escola CoMKola Kilombola Epé Layiè da qual adotamos uma Educação Kilombola com K e sua pedagogia do encantamento; e as experiências do estágio docente I e II como Professora de Sociologia.

Os próximos movimentos da escrita trarão a Educação Escolar Quilombola e seus marcos normativos onde seus direitos foram reconhecidos, mas que precisam ser revistos nas suas práticas.

As contribuições começam seu percurso pela pesquisa qualitativa para trazer essa Etnobiografia sobre como a educação é vista a partir do lugar de pertencimento descrevendo o modus vivendi a partir do espaço educativo – o Kilombo.

Trago nesse próximo momento a história da Comunidade Kilombola Morada da Paz de como seus passos em direção uma educação do nosso jeito de ser e viver foi gestada, sonhada e realizada.

E dedico um espaço para demonstrar os passos da Escola CoMKola Kilombola com sua história de gestação e funcionamento.

Importante destacar as reflexões sobre a Pedagogia do Encantamento como um modo de ensinar e que a mesma pode ser considerada como uma pedagogia decolonial para isso dialogarei com Catherine Walsh, Anibal Quijano, Nego Bispo, Gieri Toledo Alves.

2 - Tecendo um diálogo pedagógico: educação escolar quilombola

“O que se aprende nas escolas, por mais útil e importante que seja, nem sempre é vivido, porém o conhecimento herdado encarna-se em todo o ser.”

(Lopes e Simas, 2020, pg.46)

O que aprendemos em nossos territórios são passados de geração para geração. É no terreiro que aprendemos com o orixá professor. É na horta agroecológica que aprendemos que a comida que plantamos alimenta nossa alma e nosso corpo físico. É na capina que aprendemos matemática pois precisamos saber o tamanho do espaço que vamos colocar o nosso alimento.

“É um desafio desenvolver, na escola, novos espaços pedagógicos que propiciem a valorização das identidades brasileiras, via um currículo que leve o aluno a conhecer suas origens.”

(Glória Moura, revista Salto para o Futuro-Educação Quilombola, 2007)www

As políticas educacionais precisam “compreender” que as comunidades quilombolas são multiculturais e étnicas onde se desenvolvem diversas práticas e relações sociais. No que tange à educação escolar quilombola, a Resolução nº 08/2012 e a Lei 10.639/ 03 deveriam ser cumpridas, mas desenvolver medidas educacionais voltadas a atender esta demanda da sociedade, requer considerar a importância destes grupos populações quilombolas na formação da sociedade brasileira e o papel da educação.

É obrigação da escola a transmissão da história dos quilombos contemporâneos e de sua situação atual. Difundir os saberes dessas populações entre todas as crianças brasileiras é pertinente, como um meio de compreensão e de afirmação de nossa identidade multiétnica e pluricultural, em que se deve basear a defesa consciente dos valores da cidadania. De uma forma mais abrangente, para a sociedade brasileira como um todo também é importante esse conhecimento (MOURA, 2007, p. 5)

A importância da resolução nº 08/2012 – sendo uma conquista histórica referente às lutas do Movimento Negro no Brasil ao definir as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. O referido documento traz em seu artigo 35 que:

I – Garantir ao educando o direito a conhecer o conceito, a história dos quilombos no Brasil, o protagonismo do movimento quilombola e do movimento negro, assim como o seu histórico de lutas;

II – Implementar a Educação para as Relações Étnico-raciais e o Ensino da História e cultura Afro-Brasileira e Africana, nos termos da Lei nº 9.394/96 na redação dada pela Lei nº 10.639/03, e da resolução CNE/CP nº1/2004.

III – reconhecer a história e a cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional, considerando as mudanças, as recriações e as ressignificações históricas e socioculturais que estruturam as concepções de vida dos afro-brasileiros na diáspora africana. (...)

V – garantir as discussões sobre a identidade, a cultura e a linguagem, como importante eixo norteador do currículo [...] (BRASIL, 2012, p. 34-5).

Esta legislação reforça o previsto pela Lei 10.639/03, que altera a Lei nº9.394/96, ao incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, em que temos as seguintes atribuições:

Art.26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. §1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo ressaltará cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes a História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras (BRASÍLIA, 2003).

São avanços necessários, direitos conquistados e forjados a partir das organizações e nas comunidades quilombolas, ainda referentes às atribuições presentes nesta lei, é válido ressaltar a seguinte proposição das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico Raciais:

É importante destacar que não se trata de mudar o foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por uma africana, mas ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira [...], História da África, tratada em perspectiva positiva, não só de denúncia da miséria e discriminações que atingem o continente, nos tópicos pertinentes se fará articuladamente com a história dos afrodescendentes no Brasil e serão abordados temas relativos: o papel dos anciões e dos griots como guardiões da memória histórica;- a história da ancestralidade e religiosidade africana [...] como civilizações que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da humanidade (BRASIL,2009).

Para que não haja uma mudança de hierarquia, isto é, desconstruirmos o eurocentrismo para construir um afrocentrismo, ou qualquer outro centrismo que seja, é preciso uma prática educativa decolonial fundamentada na horizontalidade e na diversidade e respeito mútuo.

No campo da educação escolar e não-escolar as comunidades quilombolas desenvolvem as suas pedagogias decoloniais interculturais, a interculturalidade é uma ferramenta pedagógica decolonial, “é uma construção de e a partir das pessoas que sofrem uma histórica submissão e subalternização” (WALSH, 2009, p.22).

Precisamos sempre garantir que valorizem os saberes ancestrais, que legitimem nossas identidades étnicas e reconhecimento de nossas histórias e bater pé para que respeitem quem somos, Kilombolas e temos uma educação diferenciada e ancestral.

Trago nessas abordagens acima uma pesquisa sobre Educação Quilombola e Decolonialidade: um diálogo intercultural (CAMPOS; SOUZA, 2015) que como contribuição para essas reflexões e ações se propõe um olhar para o quilombo pela perspectiva intercultural, crítica e decolonial, porque:

como projeto político, social, epistêmico e ético, a interculturalidade crítica expressa e exige uma pedagogia e uma aposta e prática pedagógicas que retomam a diferença em termos relacionais, com seu vínculo histórico-político-social e de poder, para construir e afirmar processos, práticas e condições diferentes. Dessa maneira, a pedagogia é entendida além do sistema educativo, do ensino e transmissão do saber, e como processo e prática sociopolíticos produtivos e transformadores assentados nas realidades, subjetivas, histórias e lutas das pessoas. Vividas num mundo regido pela estrutura colonial (WALSH, 2009, p. 26).

As políticas educacionais precisam olhar para a diversidade cultural, não eurocentrando, mas pensando a sociedade brasileira e revendo os currículos escolares.

A educação escolar quilombola que fica na dependência de vários fatores como a identidade dos quilombolas, dos governos que não querem cumprir com os subsídios necessários para que o corpo docente também tenha as condições de atender e aceitar que a diversidade está presente como sempre esteve. Então essa dependência emergência já passaram dos limites e assustam quem quer construir uma possibilidade de proposta educativa que não tenha um vínculo com os governos de nenhuma instância.

Para onde então recorrer se não queremos nos submeter. Na Comkola dialogando com o Conselho de Iyas e Babás e sob orientação de nossa Yaba Ancestral Mãe Preta vamos ser um grupo comunitário privado aonde o objetivo é dar acesso a quem pode contribuir e aqueles que não puderem também possam estar e assim não deixarmos de acreditar na prática pedagógica que a educação do Kilombo

organicamente pode compartilhar com aqueles que tiverem seus corações puros e valorosos para essa proposta. Assim refletimos que Educação Kilombola é diferente de Educação Escolar Quilombola.

Os diálogos que acolhi dos moradores e educadores da Comunidade que através da forma como sentimos e vivemos a educação dentro do Kilombo nos faz refletir que nenhuma política pública vai assegurar nossa forma de se relacionar com tudo que achamos salutar e ancestral para nós. Pois quem vai dar conta de manter vivo o ciclório do kilombo, a construção física que queremos, as instâncias estaduais, federais ou municipais não conseguem comprometerem-se com tudo que colocam nas legislações.

Talvez possamos pensar porque temos que submeter a educação que integra, que acolhe, que partilha com essas políticas, pois do Ministério da Educação não conseguimos nos afastar da nomenclatura escola quando nosso Projeto Político Pedagógico quer só deixar Comkola que tem sentido e significado para a comunidade educativa, ancestral e oral.

Como diz Conceição Evaristo que nossos passos vêm de longe e acredito não vir só, pois em nossa comunidade sentimos juntos os processos da educação e como podemos de fato decidirmos nossa própria estrutura física (exemplo o tipo de prédio a ser construído, abaixo trago um diálogo sobre como resistir para continuar existindo como realmente somos e acreditamos.

KAHAMY ADETTA é uma Ekedy, Elemosò, Assistente Social, Mestra em Serviço Social nos traz o que sente sobre a Comkola.

ÁUDIO DIA 08/10/2021

SINTO QUE QUALQUER EXIGÊNCIA QUE A COMKOLA TENHA QUE CUMPRIR PARA SE SUBMETTER AOS CONSELHOS DE EDUCAÇÃO OU REGRAMENTO PÚBLICO VAI SER UMA VIOLÊNCIA CONTRA A COMUNIDADE E CONTRA A COMKOLA PORQUE VAI NOS FAZER SER ALGO QUE A GENTE NÃO É MESMO QUE SEJA PAREDE CLASSE DISTÂNCIA NÃO IMPORTA O QUE SEJA CURRÍCULO PROFESSOR DIREÇÃO OU NÉ TUDO ISSO IMPORTA PRA GENTE NADA DISSO TEM HAVER NADA DO QUE TÁ POSTO NAS EXIGÊNCIAS DO CONSELHO DE EDUCAÇÃO NOS DIZ RESPEITO NAQUILO QUE A GENTE ACREDITA ACABA PODERÁ ACABAR DEIXANDO DE SER O QUE A GENTE É ENTÃO PENSANDO QUE A GENTE VAI PRECISAR RESISTIR MAS A GENTE VAI TER QUE RESISTIR PENSANDO NUMA ESTRATÉGIA PARA SE MANTER SEM A CHANCELA DO ESTADO NÓS TEMOS QUE TER CONDIÇÕES FINANCEIRAS ESTRUTURAIS DE SE MANTER COM O CORPO PEDAGÓGICO A LINHA DE TRABALHO O MÉTODO ISSO A GENTE TEM A TENDÊNCIA QUE A GENTE VENHA A TER MAIS OUTROS COLABORADORES OUTROS EDUCADORES NA MEDIDA QUE A

GENTE VAI MOSTRANDO TRABALHO MAS ESSA PARTE ESTRUTURAL NÉ ESSA PARTE DO GARANTIR DE IR E DE VIR OUTRAS CRIANÇAS DO ACESSO A COMKOLA ISSO A GENTE PRECISA TER UMA CONDIÇÃO PARA SE SUSTENTAR MAS GENTE PRECISA RESOLVER ISSO SINTO QUE A GENTE NÃO PODE SE SUBMETER SENÃO A GENTE VAI DEIXAR DE SER O QUE É.

3 - Metodologia

Como foi pensado o fazer desse trabalho de conclusão em licenciatura?

Essa pesquisa começa com um olhar pela prática docente e um impulso de dialogar sobre as experiências vividas nas entranhas para contribuir com a educação escolar quilombola. Pode parecer pretensão, mas não sinto isso, é colocar as palavras na pele de papel como diz Mãe Preta quando se manifesta em nosso terreiro e talvez provocar diálogos que nos conecte de alguma forma com aquilo que acreditamos e sentimos enquanto educação.

Segundo Godoy (1995) são características da pesquisa qualitativa: ela se utiliza do ambiente natural como fonte direta de coleta de dados e tem o pesquisador como instrumento fundamental para esta coleta; é uma pesquisa descritiva; o investigador preocupa-se, essencialmente, com o significado que as pessoas dão as coisas e a sua vida; uso do enfoque indutivo na análise dos dados. Por acreditar no sentido e significado das coisas que as pessoas trazem sobre como sentem suas vidas e seus comportamentos sobre a temática educação quilombola e tudo que a partir da prática docente pode vir a contribuir e refletir sobre os diálogos que tive ao longo da construção desse trabalho com os educadores da Comkola sobre o que eles entendiam por educação quilombola e educação escolar quilombola. Senti um momento de partilha sobre as nossas vivências e sentimentos a partir do lugar de fala de cada um mesmo compartilhando do mesmo território, pois também sou uma educadora que com essa pesquisa provoço esse exercício de sentir pensar nossas ações educativas.

Para que pudesse ter o consentimento para colocar as falas dos educadores da Comkola tive a autorização da Coordenação Pedagógica da Comkola, do Conselho dos Anciões, Conselho das Iyas e Babas e também dos mais novos para a realização dessa pesquisa de campo em tempos de pandemia COVID-19.

Também recorri as fontes bibliográficas como artigos, teses, dissertações e os marcos legais que deram legitimidade para Educação Escolar Quilombola a partir

de suas diretrizes para garantir que devemos tratar “os diferentes com diferença, respeito e dignidade”.

Como diz a Professora Valéria isso que trago é uma Etnobiografia, pois estou contando a partir da minha perspectiva como se construiu a Educação Kilombola lá no Kilombo – minha casa. Gonçalves (2012) traz que: O conceito de *Etnobiografia* propõe, necessariamente, uma problematização dos conceitos-chave do pensamento sociológico clássico – como o individual e o coletivo, o sujeito e a cultura – ao abrir espaço para a individualidade ou passa a ser pensado a partir de sua potência de individuação enquanto manifestação criativa, pois é justamente através dessa interpretação pessoal que as ideias culturais se precipitam e tem-se acesso à cultura.

4 - Comunidade Kilombola Morada Da Paz – Território De Mãe Preta

A Comunidade Morada da Paz é uma Comunidade Kilombola Espiritual Ecológica Cultural Sustentável Território de Mãe Preta (CoMPaz), localizada em Vendinha, entre os municípios de Triunfo e Montenegro, no Rio Grande do Sul. Ela nasceu oficialmente no início dos anos 2000, quando o povo brasileiro despertava de forma ardente para um desejo de participação em estilos de vida diferenciados, mais solidários, mais partilhados. A rebeldia, àquela época, era um traço característico e a criatividade pulsante era a nota perfeita para o início da construção de um novo sistema, onde a vida comunitária, o exercício do voluntariado e a partilha sem fronteiras compunham os acordes harmônicos para uma nova era. A chegada de um novo século despertava nas pessoas o desejo da mudança, da solidariedade perdida, do ato da fraternidade.

Os primeiros anos do Kilombo CoMPaz, onde mulheres e homens se uniram em busca de uma nova forma de viver, foram dedicados ao autorreconhecimento, numa tentativa profunda de se compreender a jornada pessoal como pessoas, negras, quilombolas. Nesse período conhecemos também a realidade do entorno, os animais da região, os rios, as fontes e os mitos que vivificavam o local.

Após esse mergulho interior, o povo da Morada, como somos mais conhecidos, dedicou-se a um movimento mais amplo: a abertura dos portões da instituição e da comunidade e conseqüente inclusão, em nosso cotidiano, das pessoas

que viviam nos povoados do entorno. Nosso olhar podia ver com clareza as pessoas que viviam em situações extremas, exercitando jogos tiranos de ganhos e perdas.

A aproximação foi se dando cuidadosamente através de diferentes atividades e espaço de inserção na cultura e no imaginário das pessoas da região. Para as várias estratégias de aproximação utilizadas nos orientamos nos princípios trazidos por canalização de nossa Yabá ancestral Mãe Preta; inspiração de nossa Iyalasé Yashodhan, na espiritualidade presente na Nação Muzunguê, na Carta da Terra e em nossos ancestrais quilombolas, e buscamos:

- aprofundar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e uma ampla aplicação dos conhecimentos adquiridos. Foi o momento em que aplicamos o projeto de Percepção Ambiental convidando as escolas da região para visitar o espaço Kilombo-CoMPaz e ludicamente observar e compreender como se dava a visão sobre o mundo ambiental (fauna, flora) e as relações socioecológicas com/no contexto.

- adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam a capacidade regenerativa da Terra, os direitos humanos e o bem viver comunitário. Buscou-se aprofundar o conhecimento sobre agricultura orgânica e biodinâmica, pelas fases da lua, Kilombola, indígena. Efetivamos convênios com escolas técnicas, por alguns períodos fomos campo de observação e práticas de permacultura, manejamos com a flora nativa. Contatamos e visitamos espaços de produção e manejo não só da região, pessoas, sabedores e fazedores, falamos-escutamos muito e, depois de tantas urdiduras, tecemos o nosso jeito.

- proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida. O tempo tem sido nosso substrato em relação à realização de nossas atividades (preces práticas), organizamo-nos coletivamente para atender as demandas internas e expandir nosso caminho tracejado por este jeito de ser e viver que ensina dialogar com a vida através de uma temporalidade muito singular. Levando para outras fronteiras, o que somos e como somos, citamos a Índia, o Nepal, a Bolívia, o Chile, a Portugal, a Bélgica, o Uruguai, o Equador, o Senegal, os diferentes Estados do Brasil.

- cuidar da comunidade de vida com compreensão, compaixão e amor (Carta da Terra; ensinamentos indígenas, afro diaspóricos, budistas, afro-brasileiros)

que brotam, depois de um sonho muito acalentado, a Morada Portal: Centro Cultural, Arte, Educação e Cidadania. O surgimento da Morada Portal provocou mudanças viscerais no diálogo com a vizinhança, as visitas à comunidade, as atividades... Não eram somente as pessoas da vizinhança que mudavam, éramos nós também que ampliávamos uma prática e uma ação até então escondidas e ignoradas. Inicialmente os moradores do entorno do Kilombo-CoMPaz observavam com olhares indiferentes toda aquela movimentação, nenhum deles se dispunha a participar ativamente do processo. Éramos considerados ainda como estrangeiros tentando encontrar soluções para um povo que vivia há centenas de anos excluído de qualquer sistema político e social. Precisamos aprender o exercício da paciência, da humildade e do serviço despido de qualquer traço de colonialismo. Pouco a pouco, fomos aprendendo a construir laços de parceria com o povoado do entorno entre crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Destacamos como estratégia fundamental as visitas domiciliares realizadas toda a semana, as quais denominamos de – fazer a ronda na vizinhança – a partir daí fomos nos conhecendo, enamorando e tornando-nos íntimos. Muitas trilhas foram construídas (estudo da realidade e georreferenciamento) dos dados com apoio do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pesquisa da memória local intentando o resgate de um patrimônio imaterial com a escuta aos moradores mais velhos da localidade, lutas políticas de visibilização da situação de segregação social e econômica da população.

O Kilombo-CoMPaz aprendeu ao longo dos anos a discutir de forma horizontalizada e em *ipádè* (círculo sagrado) todas as suas decisões. O autorreconhecimento sempre foi o nosso traço fundamental, e a partilha juntamente com o exercício da honestidade e da ética sempre foram e são paradigmas para nossas tomadas de decisões. Provavelmente por sermos uma comunidade marcadamente feminina, acreditamos nos diálogos produtivos e incentivamos reuniões, mesmo que prolongadas, para que o tempo de gestação e parto da decisão final se processasse. Cada opinião é levada em consideração e observada cuidadosamente às contradições e pontos comuns entre todos e todas, a fim de que cada integrante possa ter o sentimento de pertinência e responsabilidade no resultado final. Muitas vezes esse processo nos levava a dificuldades aparentemente intransponíveis. Nesses instantes retomamos sempre a causa inicial, o motivo pelo qual nos reunimos e isso facilita o processo.

Outro fator que nos auxilia é a observação atenta das opiniões provenientes exclusivamente de conveniências pessoais, pois estas são questionadas por todos e todas de forma aberta, na tentativa de uma redefinição de posicionamento daquele e daquela que trouxe a proposta à baila. Exercitamos práticas que fortalecem nossos mitos e sedimentam nosso patrimônio imaterial afro-brasileiro, facilitando sobremaneira nossas decisões: o Ipádè (a roda ou círculo), o rezo cantado (oração às Deusas e aos Deuses Mãe-Pai), as meditações, orins e a reverência a Yami, a nossos Òrìṣás e à Mãe Natureza como uma de nossas Mestras. Foi e é dessa forma que conseguimos sobreviver na localidade de Vendinha, entre as fronteiras dos municípios de Triunfo e Montenegro, no Rio Grande do Sul. Somos uma comunidade que nasce em meio a um contexto de contraditórias profecias em que o mundo de Olódùmarè-Zambi-Maya, em seu transcurso, exige que se abandone a superficialidade e se busque a raiz dos processos.

Nós estamos vivendo cada instante focalizando um horizonte: viver como se fôssemos morrer amanhã, deste modo, estaremos, no amanhã, sentados e sentadas nos Ipádè (círculos) dos ancestrais. Mas o amanhã ainda não chegou – ele está vindo – então, é nossa a tarefa pedagógica de contar e realizar nossa própria história.

Propósito da Comunidade

- Recuperar e reverenciar a educação ancestral (afro-brasileira; afro diaspórica e africana) como continuidade de educação das gerações futuras dos jovens kilombolas.
- Servir a humanidade sem interesses pessoais, político-partidários e/ou financeiros. O serviço deve vir orientado por uma conduta ética, amorosa e baseada na cooperação, solidariedade, compreensão e sororidade.
- Honrar a história de vida de todos os seres sencientes; a vida como manifestação do poder de Olódùmarè (Deus Pai-Mãe).
- Compreender e incentivar a difusão da cultura, das manifestações artísticas como espaços de transformação social e educacional e da Cultura Africana e Afro-brasileira em especial.
- Promover a sustentabilidade emocional, ambiental, espiritual, econômica e social como um caminho para o bem viver da vida com qualidade e dignidade para si e para a Comunidade Kilombola.

- Promover e defender o convívio comunitário, participativo com ênfase na matricialidade presente na cosmovisão Afrobudígena Kilombola-CoMPaz (Afro-brasileira-Afrobudígena, filosofia que conecta bases da Matricialidade Afro diaspóricas – Indígenas – Budistas Mahayana em suas práticas de convivialidade e espiritualidade diariamente).

- Promover e difundir a prática da produção e do consumo de alimentos orgânicos de base ecológica.

- Estimular o uso de tecnologias de informação livre e acessível a todos independente de credo, etnia, classe social, gênero e opção sexual.

- Promover e difundir a educação integral **homocêntrica** (pensar a vida em sua plenitude respeitando seus diferentes níveis de manifestação), **antroposófica** (promoção dos sujeitos como aprendizes em diferentes níveis de compreensão do caminho em que o processo de ensinar-aprender se dá por trocas diversas), **afro centrada** (baseada nos valores civilizatórios de sororidade-unidade-cooperação-matricialidade), **pedagogia do encantamento** (baseada na pedagogia do Terreiro de Mãe Preta).

- Promover a cultura de intercâmbio entre povos tradicionais, originários do país e de outros; redes de saberes e fazeres; comunidades e espaços

- Promover a saúde integral e mento espiritual voltada para o uso da medicina tradicional e ancestral. A CoMPaz é uma comunidade kilombola espiritual, ecológica, cultural, sustentável, localizada em Vendinha, entre os municípios de Triunfo e Montenegro, no Rio Grande do Sul, com o intuito de viver de um modo sustentável e solidário, em harmonia com o ambiente e com suas tradições ancestrais como caminho para uma melhor qualidade de vida. A CoMPaz foi reconhecida como um território kilombola pela Fundação Cultural Palmares, conforme publicação no Diário Oficial da União de 20.05.2016, Portaria nº104 de 16.05.16.

5 – Escola CoMKola Kilombola Epè Layiè

Como nasce e se organiza o espaço educativo – CoMKola

A Escola Comkola Kilombola Epé Layiè nasce com uma guardiania. Ousada, permeada de vida – como a interpretação de Epé Layiè, Terra Viva. Na

Comunidade Kilombola Morada da Paz todo o sonho sempre é acalentado por muitas mãos e se transforma em lindos projetos.

Processo de construção e formação de uma escola Comkola Kilombola, que materializa a Pedagogia do Encantamento. Esta pedagogia vislumbra o fortalecimento dos valores civilizatórios afro-brasileiros e os saberes, fazeres e conhecimentos do pensamento diaspórico africano. Os processos pedagógicos possibilitados na construção da Comkola orientam-se com base em teorias de autores brasileiros, afro-brasileiros e africanos como por exemplo Rosa Margarida de Carvalho Rocha (2009) que nos apresenta a Cosmo visão africana e a Educação Quilombola como pilares na construção de uma proposta pedagógica.

A Comkola é um espaço educativo que nasce do sonho, ou melhor, dos sonhos. Sonhos estes que foram tomando forma e hoje descem aos olhos de seus sonhadores e idealizadores na forma de uma Escola Comkola Kilombola. Um espaço educativo para pessoas num lugar onde o aprender-ensinar são interligados, na tradição do pensamento africano. E a ancestralidade representada nos saberes dos mais velhos que devem ser respeitados e reverenciados. Por conta disso, a escola Comkola Kilombola atende desde escola infantil, fundamental, médio e a EJA.

A Escola Kilombola Epé Laiyè (Terra Viva) nasce dentro da Comunidade Kilombola Morada da Paz, que por si só é um espaço cultural e educativo, um espaço de resistência que permite a interação do ser com o espaço e com o outro, possibilita o jeito de ser e viver kilombola. Por isso, o lúdico, o dialógico (Freire, Pedagogia do Oprimido), o interativo, o perceptivo, o sensorial, o crítico, o propositivo e o construtivo são processos que estão presentes desde o planejamento das ações.

O Planejamento e gestão da Comkola é coletivo, sonhado, idealizado e criado conjuntamente, e serve de guia para as ações e planos de atividades desenvolvidas pelos educadores (que são os facilitadores, problematizadores, orientadores do processo de aprendizagem).

Deste modo, a escola Comkola Kilombola é a proposta de um espaço educativo que objetiva vivenciar a espiritualidade no dia a dia, desenvolver uma percepção plural e diversa nos\dos contextos de vida, possibilita uma educação integral do ser e incentiva a interação com todos os seres que a compõem e realiza um processo de ensino e aprendizagem lúdico, fluídico, holístico e acolhedor interligado pela pedagogia do encantamento.

A CoMKola nos dias de hoje

Com o PPP (Projeto Político Pedagógico) quase finalizado, mas ainda trilhando esse caminho de reconhecimento pelo MEC (Ministério da Educação). Isso não é algo que nos pré-ocupa porque somos um espaço educativo que produz conhecimento junto com as crianças a partir de uma série de atividades construídas nesse processo dialógico que possibilita a aprendizagem. Nesses 18 anos de existência da Comunidade Kilombola Morada da Paz já vivenciamos, refletimos e dialogamos sobre como romper o que estava sendo imposto pela sociedade.

A Comunidade Kilombola Morada da Paz é uma instituição que zela pela infância. Para isso, buscamos nós adultos uma autoeducação a partir de Ipádè (círculos de diálogos sobre nossas posturas), visando sermos referências sadias para os nossos o-madê e odomodê (respectivamente crianças e jovens em yorubá).

Como uma instituição zeladora da infância sempre tivemos como foco de nossos trabalhos as crianças, assim, a cada ano de nossa existência, aprofundamos nossos estudos vivenciais realizando projetos que pudessem ancorar nossa energia de realização e fortalecimento da educação integral de nossas crianças (físico, mental, emocional, espiritual, lúdica e criativa).

A Pedagogia do Encantamento traduz a importância de encantar-se pelo processo de educar e de aprender. O educar encantado tem afeto e amor para a construção do conhecimento baseado no que toca o coração para além do cérebro. O autoconhecimento e os valores são instrumentos desse saber que edifica, se forma para toda a vida, assim ressignifica sua própria existência e a existência do outro. O ato de cuidar, educar e amar passa pelo processo de encantar-se e manter-se vivo em ações, pensamentos, atitudes e sonhos. É uma educação baseada na ancestralidade e na unidade tendo como base a circularidade com valores matriciais e kilombolas, mantendo esse sonho vivo no dia a dia, ressaltando o zelo pela memória dos povos. Essa pedagogia é livre de fórmulas, possibilita a troca de saberes através de exemplos mais do que de palavras e propõe a manutenção da esperança, do sonho e da fé. É acreditar nas possibilidades, fortalecendo e tecendo uma sustentação, um olhar para o respeito e gratidão pela vida. É uma filosofia que está sendo construída com a comunidade kilombola, educadores e colaboradores da CoMPaz nos Ipádè de elaboração do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Escola Comkola Kilombola Epè Layiè. O encantar-se para encantar, plantando a semente em todo o terreno que necessite de nossa força e com essa energia, desde 2016, estamos,

enquanto Território Kilombola – Território de Mãe Preta, sonhando e construindo a muitas mãos e corações a nossa Escola Comkola Kilombola Epè Layiè que, a cada encontro, ipádè, vivência, sonho se torna grande dentro de nós e se espalha e se fortalece nos corações daqueles que compartilham conosco esse sonho.

E assim crescemos, envelhecemos, vivenciamos a Pedagogia do Encantamento conosco para além dos projetos, mas para um sonho que nos acompanha como um filho, que da estrela nos escolhe enquanto progenitores (denominação de pai e mãe no kilombo de Mãe Preta) fica por um bom tempo nos acompanhando para nos conhecer, até descer para dentro da progenitora (denominação de mãe no kilombo de Mãe Preta) e/ou do progenitor (denominação de pai no kilombo de Mãe Preta) e vai crescendo, crescendo até nascer e ser um potencial de luz e criação na Terra. Temos construído círculos de amorosidade, sonhos, fortalecimento congregando várias pessoas que ouviram o chamado da esperança e do encantamento, na qual dialogamos, brincamos, comemoramos e fortalecemos a esperança que precisa ficar viva em cada um de nós. Não somente viva, mas crescendo e gerando sementes, árvores e frutos, para que a continuidade possa se estabelecer apesar das adversidades que estamos vivendo nesse momento. E como diz a nossa Yabá Ancestral Mãe Preta “Nada justifica a falta de esperança”, então juntos sonhando, criando seremos fortes, seremos resistência. Assim nasce a Comkola, um espaço educativo construído no Kilombo de Mãe Preta, tendo como meta ser oficializada para acolher, além de o-madê (crianças) da CoMPaz, o público do entorno. Essa proposta surgiu a partir da constatação de que as Escolas da região não representam os anseios da comunidade quanto à sua proposta educativa. Isso passa desde a total inobservância da Lei 10.639/03 que institui a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana no currículo escolar até a total ignorância dos princípios e valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros, como a circularidade, a territorialidade, a corporeidade, a musicalidade, na pedagogia das escolas onde as crianças e jovens do kilombo estão matriculados. As crianças e jovens da Comunidade Kilombola Morada da Paz ao cursarem a rede pública de ensino se depararam com uma metodologia de ensino que simplesmente ignora e invisibiliza a História e a Memória Ancestral do povo negro, seus princípios, suas raízes, sua espiritualidade.

A Comkola nasce para que nossas crianças e jovens (e outras que a vierem compor), possam se sentir orgulhosas, empoderadas e sabedoras da força de resiliência, da ancestralidade e da cultura que carregam dentro de si, trazendo como proposta a Pedagogia do Encantamento, uma pedagogia construída dentro da própria CoMPaz, que

têm como propósito a construção de saberes e fazeres e a sua partilha de uma maneira lúdica, prazerosa, amorosa e vivencial.

Nesse momento a Comkola está atendendo aos “pitocos” e “não-pitocos” da comunidade e crianças do entorno e da região metropolitana que têm entre oito meses e seis 12 anos. E foi assim enquanto educamores, através de muitos diálogos e vivências com educadores(as)/professores(as), que vimos em seus olhos e seus corações o desencantamento, a desesperança, a frustração, a angústia de um sistema educacional falido, não só no externo da instituição escola, mas nos protagonistas (educadores, educandos e comunidade escolar-família) e, como comunidade comprometida com a infância, zelamos e compartilhamos nossos sonhos com todos e todas que sentem o chamado para uma mudança interna. A Comkola vem há quatro anos reunindo a Comunidade Kilombola Morada da Paz, seus amigos e amigas, colaboradores, filhos e filhas de Mãe Preta para dialogar sobre seu projeto político pedagógico com os professores da Licenciatura em Educação do Campo, para estruturá-la como um espaço escolar comunitário. A Comkola tem um espaço próprio ocupado, atualmente na área de entrada da CoMPaz, que é seu local de referência (alojamento e espaço lúdico-pedagógico), porém todo o Kilombo é um ambiente educativo. Trabalhamos nos últimos dois anos com a alternância das/nas temporalidades, havendo o Tempo Comkola e o Tempo Casa, conforme detalhamos a seguir: Tempo Comkola: imersão de segunda-feira pela manhã até quinta-feira pela manhã. Os pitocos dormem, fazem suas refeições, tomam os banhos, realizam seus ritos de chegada e saidança. Interagem principalmente entre si, com os educamores e alguns voluntários que fazem vivências específicas. Circulam no Território nas suas vivências de aprendizagens, onde a teoria-prática dos conhecimentos estudados é uma constante: história, agroecologia, espiritualidade, ciências da natureza, expressão corporal, música, gastronomia ancestral, brincadeiras e sapequices. Tempo Casa: de quinta-feira pela manhã até segunda-feira pela manhã, os pitocos são acolhidos pelos seus progenitores, irmãos e irmãs, interagindo normalmente na rotina da CoMPaz: participam dos rituais, brincam, jogam, auxiliam nas preces práticas, exercitam a guardiania da CoMPaz. O processo educativo é constante, o tempo todo e todo o tempo: “É preciso uma comunidade inteira para educar uma criança” (provérbio africano). Os pitocos são seres que carregam a força da espiritualidade CoMPaz, interagem com as divindades, aprendem a história do seu povo com os seus anciões e anciãs, têm o seu asê de fala e de escuta nos Ipádè e são muito respeitados A metodologia de trabalho da equipe pedagógica se desenvolve por meio de Ipádè que são

círculos sagrados de escuta e de fala. Há Ipádè semanais de avaliação e planejamento com os educamores e momentos de estudo e reflexão sobre temáticas ligadas à educação para as relações étnico-raciais e as diretrizes curriculares da educação escolar quilombola, com a participação dos membros da comunidade e colaboramores. Os processos pedagógicos da escola têm como referências autores brasileiros, afro-brasileiros e africanos como Paulo Freire, Frantz Fanon, Milton Santos, Kabengele Munanga, Rosa Margarida de Carvalho Rocha entre outros que apresentam a cosmovisão africana e a Educação Quilombola que são fundamentais para a formação da Comkola. Educamores é uma ideia criada na Morada da Paz para designar os educadores da Comkola, porque esses educadores estão comprometidos com uma educação amorosa e acolhedora, característica da Pedagogia do Encantamento. O termo educamado descreve as crianças da CoMKola, porque se tem a intencionalidade educativa de que elas sintam amor em aprender e gostem do espaço onde se encontram. A CoMKola possui seu calendário próprio com base na Nação Muzunguê, onde os meses do ano e os dias da semana são regidos pelas divindades, entidades e deidades que compõem as três matrizes filosóficas que embasam o nosso jeito de ser e viver (Indígena, Budismo Mahayana na figura do 14º Dalai Lama e Afro), por isso nos autodenominamos Afrobudígena. Por exemplo, em maio temos o Puja do Buda (12/05) e também a reverência as Ìyamis que são as mães ancestrais – a Grande Mãe África. As principais vivências da CoMKola ofertadas pelos educamores nesses últimos dois ciclos foram: agroecologia, percussão, canto, dança e expressão corporal, astronomia, gastronomia ancestral, História, Cultura e Memória Afro-brasileira Diaspórica. Os projetos da CoMKola para os próximos ciclos incluem, além da manutenção e qualificação das suas atividades em andamento, a sua legalização enquanto espaço educativo, fortalecer intercâmbios com outros Espaços Educativos dentro e fora do Estado do Rio Grande do Sul, acolher outras crianças e jovens em suas oficinas e vivências e constituir a Associação dos Pais, Progenitores, Responsáveis e Colaboramores da CoMKola (APREMACOM).

6 - Trajetória: “caminho longo é caminho, é caminhada”

“Escrever é uma forma de engrossar a pele de papel”

(Mãe Preta e seus dizidedores)

Sou uma mulher negra, kilombola, mãe, mulher do asè, Yakekerê e Yamoro da Nação Muzunguê e estudante, Inspiradora da CoMPaz, Conselheira Gestora, Educamor da Escola Comkola Kilombola Epé Layiè, Cientista Social e sigo as orientações dos meus guias espirituais para percorrer meu caminho. Minha Yaba Ancestral Mãe Preta orienta para que faça o Licenciado em Ciências Sociais, assim que é - estou fazendo aqui e agora nessa tessitura para percorrer os próximos passos.

A Comunidade sempre foi o primeiro espaço educativo e de desformação (como diz Mãe Preta, de sair da forma, das caixinhas) pois aprendemos com o orixá educamor professor que se manifesta no terreiro território. Como uma educamor desenvolvo duas vezes por semana o projeto Akotirene Kilombo Ciência (desde 2018) que trabalha as cosmologias dos povos tradicionais, as ciências humanas (Sociologia e Antropologia) e as ciências exatas (Química, Física, Biologia, Matemática), as relações étnico raciais, percepção de mundo, espiritualidade, gênero.

Como acreditamos que os projetos são transformadores e potentes também estou envolvida com o Projeto de Pesquisa pela PROPESQ – UFRGS (Pró-Reitoria de Pesquisa) Astronomia nas Culturas: educação científica e formação de professores na Educação Básica com a proposta de trabalhar com a escola e a sociedade para fazermos jus as Leis 10.639, de 2003 e 11.645, de 2008, incluídas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que obrigam o ensino de História da África, Cultura Afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino públicos e particulares. Esse trabalho iniciou com a Escola Municipal Gonçalves Dias, próxima da Comunidade Kilombola e a Escola Comkola Kilombola Epé Layiè fortalecendo a interculturalidade para através de conceitos científicos das ciências exatas e humanas possamos viajar nas culturas do céu que nos conecta ao passado e ao presente, tecendo as conexões entre as identidades culturais e o território como espaço educativo de pertencimento – o céu e a terra. Importante acrescentar que a etnoludicidade (diversidade de brincadeiras que os povos apresentam em suas histórias e memórias) sempre são envolvidas nas vivências.

As vivências são realizadas em dois lugares de preferência das crianças que são: Laboratório de Afroastrofísica onde as mais variadas experiências são realizadas como construção do relógio do sol; o Arakitembo Ti Ossãe-Casa da Bruxa onde

realizamos o diálogo com as plantas e tudo que elas podem nos ensinar como a feitura de pomadas, sabonetes, pó dental, fluídos (tinturas), incensos.

Um movimento que também fortaleceu essa minha caminhada foi quando criamos - junto com a Professora Valéria, da Educação do Campo, a partir dos diálogos com nossa Iyalasé Yashodhan Abya Yala, que naquele momento estava cursando a Educação do Campo e movimentando a construção de um grupo de pesquisadoras e pesquisadores quilombolas que pudessem levar suas vivências para academia e teorizar sobre elas – o Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas OKARAN (LABREA,2017). Momento importante, que é referência para esses escritos acadêmicos, a experiência do Okaran foi registrada na publicação: *Um jeito de Ser e Viver no Kilombo de Mãe Preta* (OKARAN,2020).

Atualmente os educadores da Comkola estão envolvidos com o Projeto Zumbi-Dandara dos Palmares: desafios estruturais e pedagógicos para Educação Escolar Quilombola e promoção da equidade racial no Brasil do século XXI com o objetivo de a Comkola levar para as escolas que atendem estudantes quilombolas contribuições e reflexões sobre como é possível elaborar materiais didáticos pedagógicos que alcancem todos os níveis escolares da educação infantil até o EJA (Educação para Jovens e Adultos).

A caminhada que este trabalho traçou foi de uma construção que parte do coletivo para um esforço pessoal e comunal. Pensar a educação quilombola é um movimento da comunidade, com seus diversos saberes, presentes no cotidiano das pessoas que ali habitam, fazendo de tudo que vivem, aprendizados.

7 - Educação Kilombola com K

Lopes e Simas (2020) trazem que o ensinamento tradicional deve estar unido à experiência e integrado à vida, até porque há coisas que não podem ser explicadas, apenas experimentadas e vividas. Assim vivencio a educação quilombola com k.

A hegemonia no Brasil colonizado nos faz refletir criticamente, em como as palavras são colocadas no papel, sem muitas vezes sabermos sua história. Por essa e outras coisas que nos atravessam, trago Educação Kilombola grafada com K, porque as

literaturas africanas e afro brasileiras comprovam que Kilombo com K foi uma sociedade iniciática, de jovens guerreiros mbundu, adotada pelos invasores jaga (ou imbangala), formados por gente de vários grupos étnicos desenraizados de suas comunidades (REIS, 1996). Esta matriz histórica da palavra quilombo foi retomada para se referir às comunidades rurais negras no Brasil, é um conceito que traz muita reflexão histórica e política desde os anos 70. O movimento negro contribuiu significativamente para ressaltar a importância do estudo dos quilombos na história, se retificou o conceito, considerando agrupamentos quilombolas como nichos culturais autônomos, pedaços da África no Brasil.

Na Comunidade Kilombola Morada da Paz – Território de Mãe Preta, o Conselho de Yas e Babás, do qual também faço parte por ser uma Yakekerê da Nação Muzunguê, acreditamos que em áreas bantas na África, kilombo significava sociedades de homens guerreiros que se rebelaram diante da situação de escravizados e fugiram das casas grandes encontrando nas florestas e lugares de difícil acesso para reconstruírem seus modos de ser e viver em liberdade. Kilombo grafado com q é uma adaptação do colonizador ao termo africano e será utilizado com q nesse trabalho sempre que aparecer citado textos de outros autores que foram grafados desse modo. Mas para designar o Território de Mãe Preta, suas práticas e processos educativos e de sustentabilidade, irá aparecer grafado kilombo com k a fim de afirmar que estamos em uma disputa que é política, linguística (OKARAN,2020) e de desqualificação identitária.

Após dizer porque kilombola com k, vou aproximá-los de como vivencio a educação kilombola como uma educamora da Escola Comkola Kilombola Epé Layiè – Terra Viva e sua Pedagogia do Encantamento. Contar como tudo começa para firmar seu ponto como um espaço educativo é um trajeto fundamental nesse trabalho. Como diz nossa Mãe Preta: “Há portas que só se abrem pelo lado de dentro”, os educamoras, onde me incluo, são graduados e pós-graduados não para ascensão social, mas sim para materializar uma educação que fosse do nosso jeito.

A Comkola surge da necessidade de uma educação biocêntrica, intercultural baseada na diversidade, na cooperação e nos direitos humanos, que contemple a história e a tradição dos povos africanos que compõem a população brasileira porque apesar de previsto na legislação – Lei 10639/2003, as escolas públicas raramente incluem em seu currículo disciplinas de história e cultura africana e afro-

brasileira. A ideia é que os mais novos possam ser alfabetizados já na escola kilombola e ter acesso a uma educação que valorize sua história e cultura (OKARAN, 2020, p.53).

As atividades dentro da Comkola dialogam com o território em todas as vivências porque se acredita que todo o espaço é educativo porque interage com os movimentos das entranhas que passam pela espiritualidade, pelo modo de plantar, de preparar os alimentos, do cuidado e zelo com as ervas medicinais, da atenção com os animais, da observação do céu, das ciências do campo, e na identidade cultural, histórica e de pertencimento.

8 - Reflexões sobre a Pedagogia do Encantamento – outros modos de ensinar

Sinto e penso que precisamos entender como funciona o pensamento da colonialidade no mundo é preciso ver como o tabuleiro desse jogo de xadrez posiciona suas peças na atualidade com novas configurações como FMI (Fundo Monetário Internacional), Banco Mundial, OTAM (Organização do Tratado do Atlântico Norte), OIT (Organização Internacional do Trabalho), OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), esses organismos supranacionais organizados e mobilizados por países europeus e pelos Estados Unidos ditam as “regras do jogo”, isto é, eles fornecem as diretrizes mundiais para organizar a economia, educação, saúde, segurança entre outros aspectos da vida em uma sociedade globalizada, mas uma globalização hierárquica e racista (WALSCH, 2009; GROSFOGUEL, 2010).

A colonialidade pode ser compreendida como um fenômeno histórico e cultural que tem sua origem no colonialismo, mas que se mantém após a experiência colonial. Dessa forma, a colonialidade subalterniza certos grupos de seres humanos garantindo sua dominação, exploração e ignorando seus conhecimentos e experiências. A colonialidade transcende a experiência colonial, principalmente em questões de poder e saber. A resistência à colonialidade se dá na forma das filosofias e movimentos chamados descoloniais. Muitos movimentos identitários étnicos como o movimento indígena e o movimento negro são considerados como uma resistência à colonialidade, demonstrando que essa enfrenta certa crise de estabilidade. (QUIJANO, 1997)

BISPO (2015) traz a compreensão da colonização como processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa

cultura se encontra. E traz a compreensão de contra colonização que são todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios.

A Comkola é do Kilombo e estar nesse espaço legalmente constituído como sujeito de direitos fundiários e culturais. Está para além do binômio fuga-resistência. Em sua dimensão política perpassa a noção de identidade. Lugar onde partilha-se origem, cosmologia, cosmogonia, ancestralidade. (Yashodhan Abya Yala, 2017)

Somos o centro de uma outra história que é de luta, ancestral e que do lugar onde nos constituímos – Comunidade Kilombola criamos nossas estratégias como a educação que queremos nos identificar em nosso território.

Na CoMPaz a pedagogia do encantamento traduz a importância de encantar-se pelo processo de educar e de aprender. O educar encantado tem afeto e amor para a construção do conhecimento baseado no que toca o coração para além do cérebro. O autoconhecimento e os valores são instrumentos desse saber que edifica, se forma para toda a vida, assim ressignifica sua própria existência e a existência do outro. O ato de cuidar, educar e amar passa pelo processo de encantar-se e manter-se vivo em ações, pensamentos, atitudes e sonhos. É uma educação baseada na ancestralidade e na unidade tendo como base a circularidade com valores matriciais e kilombolas, mantendo esse sonho vivo no dia a dia, ressaltando o zelo pela memória dos povos. Essa pedagogia é livre de fórmulas, possibilita a troca de saberes através de exemplos mais do que palavras e propõe a manutenção da esperança, do sonho e da fé. É acreditar nas possibilidades, fortalecendo e tecendo uma sustentação, um olhar para o respeito e gratidão pela vida. (OKARAN,2020)

Essa Pedagogia sistematiza o conjunto de atividades educativas que são realizadas na Comkola como:

- Círculos de diálogos dos pais, mães e zeladores do kilombo – Ipádè dos Cuidadores;
- Brincando com a/na Morada – Brincando CoMPaz – projeto no qual convidamos os adultos a trazerem suas brincadeiras da infância para brincarem com seus filhos, netos... resgatarem sua criança interior;

- Colônia de Férias Curumim-Omadê; • Cine Pipoca – projeção de filmes comentados para trabalhar princípios e regados com pipoca;
- Eco-Formação com educadores – momentos de diálogo, troca de saberes entre educadores sobre o jeito de ser e viver no kilombo CoMPaz;
- Seminários sobre a Pedagogia do Encantamento – Diálogos com educadores e profissionais dedicados ao cuidado de crianças e jovens, realizados na comunidade de Vendinha, Triunfo/ RS, sobre a Pedagogia vivenciada na comunidade Kilombola Morada da Paz;
- Auxílio Extra Escolar – tem como objetivo principal potencializar o gosto pela aprendizagem, fortalecendo o “ser curioso” que há na criança, fazendo-a construtora de suas próprias aprendizagens, para isso usamos uma metodologia lúdica educativa para o despertar de suas potencialidades.

No Kilombo de Mãe Preta, onde flui entremeadada por sonhos e projetos de uma vida com dignidade, respeito a diversidade e economicidade, a CoMPaz é o refúgio da sementeira de um outro espaço de trocas de saberes e fazeres, um lugar em que mais do que nunca nos desafia a uma nova forma de conceber o saber, não um saber como posse, não um saber apenas como aquele campo de conhecimento sobre o qual se tem domínio. Mas, um saber como algo que se pratica no exercício do sentir. O saber como um espaço de encontros e reencontros.

Walsh em seu texto mais evidenciado no Brasil: Interculturalidade crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver pode se pensar a Pedagogia do Encantamento como uma pedagogia decolonial pois são muitos os sujeitos que se engajam em projetos “outros” de sociedade e de processos educativos, em distintas situações, que se colocam contra a pedagogia da matriz modernidade colonialidade e que propõem pedagogias críticas alinhadas ao projeto decolonial, evidenciando suas especificidades, sem perder de vista o diálogo com o todo.

E as pedagogias decoloniais se vinculam ao decolonialismo ao perceber que os conhecimentos produzidos pelo homem branco, patriarcal, eurocentrado, não são suficientes e não dão conta da experiência social que é produzida por corpos racializados, por corpos negros, por corpos indígenas que os conhecimentos que esses corpos trazem eles são desconsiderados, apequenados, invisibilizados e tornado

irrelevantes para esse conhecimento eurocentrado que a partir desses apagamentos, desses silenciamentos, desses processos de opressão se torna o conhecimento.

Com a sociedade de direitos, reconhecimento, independência das colônias e toda uma movimentação dos movimentos sociais, esses conhecimentos emergem e se traduzem em novos modos de ensinar, em outros modos de ensinar. São pedagogias outras. E aí surge a possibilidade de se ampliar a base epistemológica da produção de conhecimento a partir disso.

Então, quando a Comkola traz suas atividades de um modo que as crianças desse Kilombo e as demais que vierem possam trabalhar a matemática calculando o tamanho da horta; como funciona os recursos hídricos e o açude do território possibilitando que as áreas de conhecimento se inter-relacionam a partir de projetos interculturais ou multiculturais que trazem diferentes culturas e inclusive os conhecimentos eurocentrados, mas que são utilizados a favor da vida no Kilombo. Podemos dizer que essa pedagogia é decolonial e contra colonizadora pois a decolonialidade tem a intenção de provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O decolonial implica, portanto, uma luta contínua. (WALSH, 2009, p.15-16) devemos honrar nossos ancestrais, nossos sonhos que são sonhados e realizados juntos, numa perspectiva da interculturalidade, da identidade kilombola e da continuidade das lutas que se apresentam a cada governo que se instala para aniquilar e desqualificar as histórias dos povos tradicionais e suas diversidades culturais.

9 - Sentir Pensar sobre educação kilombola e educação escolar quilombola

Educadores da Comkola

A questão realizada foi o que compreendemos sobre educação kilombola e educação escolar quilombola para que possamos refletir a partir do nosso lugar de fala.

TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO DE ORANYAN

EM 26/10/2021 – LUA DE SANGÒ

Eu sou Ogan Oranyan Bukun, guardião da palavra, Ekedí da Nação Muzunguê invoco agora meus mentores, as nossas divindades do Território de Mãe Preta dos meus mais velhos Yashodhan Abya Yala, Yakekerê Omó Ayo Otunjá, Babalawô Mhelkior, Yabace Mako'ilê, BaOgan Bàbá Kinni pra que meu asé de fala seja de respeito, gratidão e de humildade.

Então a minha compreensão enquanto educador da Escola Kilombola Comkola Epê Layiê de Educação Kilombola é um espectro maior desse termo que engloba um todo da educação de um ser desde quem ele é e como se saúda alguém e como se porta em determinados ambientes, como se alimenta, o que se alimenta, a sua corporeidade, a sua origem, quem é e quem se representa como um todo a Educação Kilombola do ser dentro do seu espaço de onde ele é oriundo e da sua significância, da sua necessidade e da sua importância nesse espaço e da sua representatividade nele e fora dele.

Já a Educação Escolar Quilombola ele é um raio desse grande espectro que é a Educação Kilombola, é como você vai aprender a matemática, o português, a física, enfim, tantas matérias que há de uma forma do povo kilombola. Então assim, se aprende, aqui, no nosso kilombo você aprende na prática, se aprende de uma forma lúdica, de uma forma que te encanta, de uma forma interdisciplinar ou se você cortando uma lenha você aprende a multiplicar, mas ao mesmo tempo você aprende a organizar a ter um processo metodológico na sua vida e que você pode levar para outros ramos da sua vida, então tem muitas facetas e tudo tem a sua importância. Asé.

TRANSCRIÇÃO DAS PERCEPÇÕES DE AKOGUM

EM 26/10/2021 – LUA DE SANGÒ

Agô Yê Mojubá! Peço licença aos meus ancestrais, ao Conselho de Yas e Bábás da Comunidade Kilombola Morada da Paz para que eu tenha uma escrita de clareza, amorosidade, veracidade, respeito e gratidão. Asè!

Eu sou Akogum, guardião da força, do respeito e da perseverança, yaô, tebejé da Nação Muzunguê, asé!!

Como moradora pertencente ao Kilombo de Mãe Preta, posso relatar sobre o que é uma educação kilombola com “k” no meu ver:

Em nosso Kilombo com “k”, adultos, crianças e jovens aprendem que a rotina pode se transformar em cotidiano. Aprendemos que Caminho de Oração, Foribalé e Preces Práticas são rituais diários, bem como escovar os dentes após as refeições.

Aprendemos que respeito é o principal princípio do Kilombo.

Aprendemos a cumprimentar nosso povo com um Namastê, seguido de um forte abraço de coração para coração.

Aprendemos que na gira se dança descalço

E que, “quem não pode com a mandinga não carrega patuá”.

Aprendemos que egbó se prepara de funfun.

Aprendemos o significado de unidade, ubuntu, irmandade, solidariedade, cooperação.

Aprendemos a respeitar todos os seres que coabitam este território sagrado conosco e onde quer que seja.

Aprendemos a superar-nos e a lembrar-nos pelo que desejamos ser lembrados.

Aprendemos a sermos verdadeiros conosco mesmos e com o todo.

Aprendemos a dizer o que sentimos, olho no olho com respeito.

Aprendemos a nos olhar e nos reconhecer antes de apontar o dedo para o outro.

Aprendemos a contemplar a vida e sermos gratos!

Como educador da E. Comkola Epê Layiê acredito que nossa maneira de sentir a educação quilombola com K consiste na crença no Orisá (educador).

A educação em nosso Kilombo de Mãe Preta é uma educação voltada para a circularidade, aberta para novas ideias. É uma educação dinâmica, criativa, onde todos os espaços do território sagrado são espaços de aprendizagem.

Onde os dias da semana são baseados nos dias da semana regidos por nossas divindades e os meses através de ciclos regidos pelos mesmos.

Em nossa Comkola Kilombola, a contação de histórias, os saberes ancestrais, a sabedoria de nossas Yas e Bábás, os Ipádè são parte do nosso cotidiano e da nossa grade Comkolar.

Aprender química e física através do preparo de pães,ucas e biscoitos. Aprender matemática colhendo amoras, catando gravetos, comendo pedacinhos de frutas... Aprender história à sombra da figueira em um Ipádè com nossa Iyalasé, ou ainda, aprender sobre astrofísica como nossa Yakekerê no Akotirene Kilombo Ciência, ou até mesmo em uma caminhada à noite contemplando as estrelas e o luar.

Criando itans (histórias) sobre as divindades através do que observamos e sentimos sobre elas manifestadas.

Reflico que seja esses sinônimos de Educação Kilombola.

Asé

Chuva de Luz!!

Akogum COMPAZ

Transcrito de Vijnana

Em 26/10/2021 – Lua de Sangò

Educação Quilombola e Educação do Campo Quilombola

Compreendemos que a Educação Quilombola leva em consideração todos os fatores históricos que compõe o que é educar através da pedagogia diária do ser-existir dentro de um Quilombo, logo, torna-se extremamente fundamental considerar as temáticas, vivências, fundamentos, propósitos e diversos movimentos oriundos destas Comunidades para a sociedade como um todo, pois sabemos que são dos povos originários os saberes mais fundamentais do povo.

São práticas que ultrapassam a questão teórico-prática e vão muito mais além, por ser ancestral, experimental e vivencial, o que dialoga com a essência da transformação dos seres.

No que se refere à Educação do Campo Quilombola, esta dialoga mais profundamente com o território-espaço onde está inserida, onde se vive e se é orientado através do tempo do campo, a relação com a natureza está implicada em todas as ações práticas diárias e cotidianas da terra, é onde se percebe que fazemos parte da natureza, somos seres do ar, da terra, da água,

do fogo e podemos e devemos trocar com o todo, ofertando aquilo que há de melhor em nós para a reconstrução do planeta.

Compreendo por Educação do Campo Quilombola esta prática onde há espaço para ser-estar-existir enquanto povo da Terra, originário, ancestral, que faz parte deste sistema e principalmente o preserva como merece, que dialoga com tudo aquilo que há de mais valioso, que tem amor pela vida e todos os seres sencientes desta Terra.

Asé.

Devaneios do Bàbá Kinni!

25/10/2021 Lua de Esú

Namastê Ojiré, Agô Yê Mojubá! A benção as nossas divindades, as nossas Iyas – Iyalasé Yashodhan, Yamoro Omo Ayo Otunjá, Yabace Mako'ilê, Babalawô Mhelkior que meu asé de fala e de escuta possa ser de gratidão e de respeito.

Asé!

Sou Bàbá Kinni, guardião da determinação, do entusiasmo, zelador e protetor das Choupanas de Mãe Preta, Asé.

Então, a Educação Kilombola é, meu coração diz que é uma educação que integra os nossos princípios da ancestralidade, reverência as divindades do panteão afro brasileiro que honra as tradições que é pautada no respeito, na honra na ética, na musicalidade, na territorialidade, respeito a natureza a terra agia, fogo e o ar, o éter a madeira, onde a educação se dá de forma integrada onde não existe separação de conteúdo, onde a química a matemática a biologia tudo dialoga permanentemente e isso traz um sentido traz um aprendizado ali nas coisa simples do cotidiano faz com que as pessoas que estão ali estudando vivenciado possam ter isso internalizado de uma forma mais plena do que se estivesse numa educação convencional é muito intelectual e que esquece do processo educativo, o processo de aprendizagem ele precisa ter o componente da afetividades dedicado.

A Educação Kilombola ela é uma educação viva, plena, que ela é trans multidisciplinar, transcendental também, porque ela tem essa conexão com as divindades com o orixá que ele é professor, onde tem as Iyas que são mestras, oluwás, egbomis, os ekedis, todos são e ao mesmo tempo que educam são educados, que é uma coisa que é muito linda na verdade a gente nunca tá pronto então é isso que eu aprendo com a Educação Kilombola, com as nossas divindades quanto mais a gente sabe menos a gente vê que a gente sabe e a Mãe Preta está sempre ensinando, a Iya está sempre ensinando, enfim os Bàbás, os Ekedis sempre tem gente ensinando.

Então nesse processo de Educação Kilombola a gente é muito privilegiado porque hoje eu vejo me sinto o tempo inteiro aprendendo mesmo nesse momento que não estou matriculado em nenhum curso de graduação e pós-graduação nem de mestrado, doutorado ou pós-doutorado mas se a gente tem os olhos de ver, ouvidos de ouvir e o coração de sentir está sempre se qualificando, está sempre estudando, sistematizando como a gente fez lá no Okaran são momentos que são muitos especiais na perspectiva da Educação Kilombola.

Agora pensando uma Educação Escolar Quilombola me para própria condição da palavra escolar já se integra em grades curriculares num ensino formalizado, é de uma certa maneira estão tentando fazer um diálogo com questões que sejam próximas a vivência de uma

comunidade, de um quilombo, de uma comunidade quilombola, então, claro aí já está presente também uma maneira de ensinar que aí já uma maneira mais ortodoxa do professor de um lado e o estudante do outro ou do aluno, eu não gosto de chamar assim, pois aluno é aquele que não tem luz não é isso, não se traça uma linha que separa o professor lá/o aluno aqui é diferente da própria concepção quilombola de que todos tem o asé de fala, o asé de escuta podem falar, podem ser ouvidos com respeito é diferente de se aprender.

Na educação escolar quilombola os conteúdos já tem isso, essa fragmentação, o pensamento reducionista, cartesiano que levaram as coisas a ficarem desse jeito em caixinhas e que as disciplinas não se comunicam umas com as outras e aí faz com que o próprio estudante não consiga perceber essas inter-relações, essas interfaces e daqui a pouco está até desgosto com aquilo que está estudando porque não vê sentido e que a coisa é muito abstrata porque vai estudar uma coisa se enfim aonde que ele vai usar aquilo e então acaba muitas vezes se desestimulando não tem professores que consigam fazer essa ligação, essa conexão, em fim está ali na escola para cumprir o tempo que precisa em termos de aprendizagem tanto quanto poderia ser.

Então, a educação escolar quilombola é uma educação convencional só que dentro de uma realidade quilombola como se fosse uma escola nessa máquina estatal fosse colocada dentro de uma comunidade quilombola. Aí vai ter essa coisa, pensar numa realidade se tiver um professor sensível, um diretor fazer uma aproximação dos conteúdos com a vivência de uma comunidade quilombola. Mas, aí é uma coisa muito desafiadora porque muitas comunidades quilombolas não se reconhecem como quilombolas, muitas tem certificação mas tem alunos estudantes que tem muitos processos de negação das suas próprias raízes como quilombolas e aí fica os dilemas de se assumir e também é uma educação que é aquilo o quadro negro a frente uma coisa que desde sempre é isso, o professor lá uma classe atras da outra, não tem um círculo como é na educação quilombola, na educação do terreiro, educação onde tem um Ipádè toda uma outra cosmo percepção, a educação escolar quilombola ainda é isso fica na coisa mais do mesmo porque assim o estado não leva muito em consideração isso para dar margem para que os comum. quilombolas possam fazer a coisa do jeito que sentem pensam entendem. A gente está tentando, batalhando para que a Comkola possa ser algo revolucionário e que transcenda esses limites essas prisões todas aí que o sistema quer infringir, mas acho que é isso.

Chuva de luz

Asé

Pensar-sentir da Coordenadora Pedagógica e Gba Oya Nkan (responsável) da Comkola Sobre um documentário que assistimos sobre a Escolarização no mundo

Março de 2021

Enquanto mulher negra quilombola fiquei muito tocada ao ver o documentário que trazia os negros, os indígenas e os indianos como um peso. Cenas me chocaram. Foi muito dolorido ver como tratam as pessoas negras, indígenas, indianas. Somos tratados como animais ou pior que isso... objetos. Onde nossas culturas, nossos costumes, nossa ancestralidade são tratados como algo inferiores, ruins. Tem uma cena que mostra muito o que estou relatando onde numa

sala de aula diante de uma turma a professora fala o quanto que a vegetação, a cultura, a terra são ruins, imaginem vocês nos lugares dessas crianças. Como vocês se sentiriam?

Inferior, incapaz, marginal, vagabundo, ruim... como pode um ser em fase de formação receber todas essas emanções negativas e persistir/resistir?

Enquanto mulher, quilombola, negra, educamor de uma escola Kilombola sinto e vejo que as perversidades que fizeram com nossos ancestrais ainda fazem conosco de uma certa medida velada e ainda com o aval do Estado que ainda tenta nos apagar da fase da Terra, matando nossos jovens, mulheres, acabando com a nossa espiritualidade, acabando com a nossa cultura e como não bastasse tentam nos enfiar uma educação onde querem nos mostrar que somos um peso.

Então enquanto uma zeladora dos Territórios de Mae Preta faço uma provocação: Porque o Estado não investe nas comunidades ditas primitivas, rurais, não desenvolvidas?

Se o Estado, financiadores, colonizadores conhecessem as potencialidades das comunidades, as lideranças comunitárias e fortalecessem a educação dentro dos territórios, investindo na economia local, sem desqualificar as culturas e a espiritualidade, fortalecendo a juventude e assim sendo uma opção não uma obrigatoriedade os jovens saírem de suas casas para realizarem seus sonhos.

Se não houvesse esse olhar de exploração, de superioridade um povo sobre o outro, será que haveria tanta desigualdade? Será que haveria tanta violência?

Quanto mais conheço a história de meu povo negro de fontes negras e confiáveis, aprendo que foi um plano muito bem articulado e que ainda perdura até hoje de escravizar e dizimar povos que possuem ou possuíam um conhecimento, culturas e espiritualidade estruturantes para esses povos.

Estamos num momento planetário que investimos mais em sistema prisional do que educação, em remédios do que produção de alimentos, em políticos do que educadores... Que futuro queremos? Até quando nós concordaremos que "pessoas estranhas" entrem em nossas comunidades e acabem com nossa cultura, nossa espiritualidade, nosso jeito de ser e viver com e na natureza.?!

10 - Experiência enquanto Professora de Sociologia

Quero trazer as experiências de estágio como Professora de Sociologia por acreditar que foi um momento importante e necessário nessa etapa que a graduação nos coloca.

A docência é uma etapa importante para a Licenciatura, pois se vive os desafios do que fazer, como fazer, o que pode dar certo. Ler o outro e encantar-se com o que se está fazendo é uma prática pedagógica que possibilita olhar e ver o que está se olhando em si e no outro.

Percebi que a magia aconteceu quando estava me dando conta que o rito de passagem da estudante estava indo na direção da Professora de Sociologia, assustou, sim, mas os estudantes estavam aguardando conforme o combinado.

Acredito que a Ciências Sociais é uma chave para adentrar os estudos dos caminhos da raça humana e que são passos que vem de longe com seus mistérios, ritos, descobertas, culturas, indagações, controvérsias, e principalmente, a visão global e histórica de nós mesmos. É a ciência que estuda mais do que o cotidiano social e sim as interpretações que nós temos e ou fazemos da vida política, social e pessoal.

Não pretendo com essa experiência fazer nenhum tipo de comparação e sim apresentar o que observei e senti nessa temporalidade do estágio I e II.

A Escola de Ensino Médio que realizei essas duas fases do estágio de docência me trouxeram que as estruturas são pensadas e construídas linearmente, que você olha e parecem como presídios com grades, portões altos. Internamente corredores compridos, salas de aula também com grades, biblioteca sem uso por falta de funcionários habilitados. Sinto que poderia ser diferente essa lógica patriarcal de pensar as estruturas, e que precisam levar em consideração quem são os sujeitos ativos que irão conviver parte das suas vidas cotidianas nesses espaços.

A docência que visitei já parecia adoentada pelos estremecimentos políticos, sociais, familiares, financeiros e uma nuvem da aposentadoria que envolvia alguns presentes na escola. Senti que seria importante e necessário ocupar as mentes e corações daqueles seres humanos com mais esperança, criatividade e até mesmo afetuosidade incluindo também a busca do encantamento pelas suas escolhas profissionais. Bem, uma pergunta pode vir como diante de tanta perda da classe de professores, o que nos resta? Ouso em responder que como diz nossa Yabá Ancestral Mãe Preta: “não há nada que justifique a falta de esperança” senão tudo já estará perdido antes mesmo do final daquilo que não sabemos que irá terminar.

Mesmo já vindo de uma experiência docente de minha Comunidade, o estranhamento do externo me trouxe reflexões e atenção, pois aprendemos sempre até mesmo com aquilo que não queremos para nossa vida cotidiana nem pessoal e muito menos como regente.

Quando na fase II do estágio foi com o ano gregoriano de 2020 que iniciava com uma pandemia de COVID-19 que se alastrou pelo mundo mudando os cotidianos escolares e das pessoas como um todo. Isso fez com que tivéssemos que repensar as estratégias de como continuar o ano letivo, então vem uma parada longa, e aí? O que fazer? Particularmente e Comunalmente como kilombola, mulher do axé, mãe, estudante reunimos todos da Comunidade e decidimos fechar como tudo indicava nas normas de prevenção ao vírus, como o tal “isolamento social”, mas continuar como nossas práticas espirituais e atendendo em nossa Escola Comkola Kilombola Epê Layiê (que significa Terra Viva no dialeto africano iorubá) até o momento atendendo as crianças de dentro do Território de Mãe Preta.

A parada na Universidade que duraram de 4 a 5 meses foi o bastante para refletir sobre como seria a prática docente. Outros afazeres nos afetam, assim fiquei esses meses envolvida com leituras diversas sobre educação e suas legislações, e atenta as notícias da proliferação do vírus e a reação das pessoas como um todo pelo mundo.

Em algum momento senti que essa pandemia poderia afetar a continuidade do estágio adiando o processo, mas como diz minha Iyalasé Yashodhan Abya Yala: “esforce-se porque sorte você tem” e completo sua frase escrevendo “nunca foi sorte, sempre foi Exú, nosso pai que cuida e zela pelos caminhos-Laroyê, Exú”. Percebi que a fase I do estágio fez com que ganhasse confiança da professora titular da disciplina permitindo uma sintonia mais próxima e de respeito sem ultrapassar as questões éticas enquanto uma profissional. O diálogo com a professora trouxe a tensão e a pressão que o governo do estado estava provocando no quadro docente da escola e das escolas de um modo geral, e mesmo assim estava tudo certo para o estágio ter a sua nova fase.

O retorno as aulas depois de uma parada longa foi com muito cuidado, a disciplina de Estágio em Docência na Ciências Sociais II com a professora regente que sempre se mostrou muito compreensiva, positiva, e com confiança e fé na Sociologia enquanto um processo salutar de diálogo e escuta como acreditava Paulo Freire de que essas duas ações são importantes para a formação na infância e que sinto de tamanha relevância para o Ensino Médio, aonde os jovens precisam mais do que nunca nessa fase da vida que se encontram. Vem uma experiência que tivemos em nossa Comkola num Encontro de Desformação (2018) com o facilitador e educador BaOgan sobre a Juventude e todas as suas dimensões como: as relações, os desafios econômicos, a afetividade, a política, os sonhos, a sociedade para refletirmos através das letras de músicas que vem

desde o Legião Urbana, Engenheiros do Hawaí, Titãs, Milton Nascimento, Cazuza, O Rappa que nos aponta para avaliarmos como é ser jovem nos dias de hoje?

“As heranças, as revoltas,
as conquistas da
juventude, são heranças,
são motivos para
mudanças de atitudes.”

(Banda Engenheiros do
Hawai Anos 80)

Diante de todas as coisas que se apresentaram nessas fases os anseios são sempre muitos diante da escolarização que me deparei pois ver a juventude, as estruturas, os currículos, os diálogos sobre sujeitos necessitados das nossas atitudes enquanto estagiária professora me assustaram um pouco. Mas se ali estava fiz da possibilidade docente aprendizado para buscar estratégia para uma marinheira de primeira navegação em sala de aula com a demanda da formalidade que é tensa, mas me senti confiante pois não vivenciei sem dialogar com meu povo do kilombo pois para quem começa “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

Percebo e acredito que a Sociologia faz com que possamos enxergar o movimento do mundo e de nós como pessoas inseridas nessa sociedade diversa no seu cotidiano. Mesmo vivendo esse processo de pandemia devido ao Coronavírus que nos coloca a reinventar e ressignificar a forma de trocar conhecimento, de olhar como cuidamos dos nossos corpos físicos, das pessoas que convivem, da higiene, dos pensamentos, das ações diárias. Como diz Leonardo Boff (1999): “*tudo o que existe e vive precisa ser cuidado para continuar a existir e a viver: uma planta, um animal, uma criança, um idoso, o planeta Terra...*”

Então, como uma Professora de Sociologia que já estou, acredito que precisamos continuar navegando para compreendermos os processos além das aparências que a própria vivência docente me possibilitou tanto no Estágio I quanto no II como diz nossa Yaba Ancestral Mãe Preta (2018) que é nossa Mestra no Kilombo e que me constitui

Comunidade Kilombola Morada da Paz: *“não procurem chegar a algum lugar, mas procurem sempre navegar.”*

11 - Vivências enquanto Educamor na CoMKola

Como educamor inicio meu processo em 2018 com o objetivo de levar a Sociologia e a Antropologia muito inspirada e motivada pelo Trabalho de Conclusão realizado em 2015 com a Etnografia da Infância e vida em Comunidade: Brincar e Aprender, mas não somente isso, quando também unimos as ciências exatas movimentada pelo Projeto Akotirene Kilombo Ciência e a bandeira que erguemos: “NO NOSSO KILOMBO TEM CIÊNCIA” (2018).

A junção das ciências possibilitou junto a Comkola unir o céu e a terra, a identidade e a diversidade, espiritualidade e ciência, política e sociedade, biologia e marcenaria, as artes como um todo. Abrir o campo da multiversidade dos povos da terra de Mãe Preta e construir junto o currículo, o projeto político pedagógico já traz um leque epistemológico que vem da raiz do kilombo.

Cada vivência tem como referência todo o espaço do kilombo como um território de saberes e fazeres que possibilita a cada educamor expandir a troca com o educamado incluindo e trabalhando a partir do ciclonário da Comunidade Kilombola que reverencia suas divindades, seus orixás e as luas que guiam nossas ritualísticas.

Iniciamos nossas vivências com a reverência ao orixá do dia, com nosso asê de fala e escuta, falamos dos nossos sonhos e combinamos nossa vivencia para sentir se todos estão de acordo com que é colocado na roda enquanto proposta. Logo seguimos e assim inicia o dia.

Nossas vivências são expedições por cada lugar que já existe no dentro profundo do Kilombo como Laboratório de Afroastrofísica Akotirene Kilombo Ciência – espaço do fazer experimentos utilizando a marcenaria, pintura, tecido, Arakitembo Ti Ossãe – espaço de conexão com as ervas medicinais e sua ciência, Árvore da Sabedoria – espaço dos encontros dos anciões e de todos nós, Choupana Laroyê Exú - espaço da comunicação com o mundo lá fora, Choupana Baobá – espaço de encontros e piqueniques , o Kanzaú da Comkola – espaço da culinária e comilança, Memorial

Yashodhan – espaço da memória e história de vida de nossa Iyalasé, Afroludoteca- espaço do brincar, ler e aprender e tudo o mais que a Comkola proporciona despertando o nosso criar dialógico juntos – educamor e educamado.

Quero também compartilhar o quanto a Comkola vem nos preparando para alcançar esses voos através dos Encontros Dialógicos sobre a Pedagogia do Encantamento para professores, estudantes e demais interessados com o intuito de qualificar e ampliar nossos horizontes no ensino-aprendizagem de cada um de nós futuros e eternos aprendizes que teve seu primeiro movimento em 2017 quando a Comkola traz a valorização da escuta/fala/corporeidade/leitura e brincadeira com a presença principalmente de estudantes e professores universitários. Acredito que esses encontros possam ser uma proposta pedagógica para continuarmos esses diálogos.

Epè Layiè

Escola ComKola Kilombola



Namastê Odirê à todos os seres de luz!

Somos a Comunidade Kilombola Morada da Paz, uma comunidade formada majoritariamente por mulheres negras, situada na cidade de Triunfo, distante uma hora de Porto Alegre. Existimos em nosso território sagrado desde 2002, movidas pela fé nas entidades que trabalham conosco e nos orientam, pela abnegação e pelo desejo de construir um outro mundo possível. Dedicamos nossa vida à construção da Comunidade Morada da Paz, um espaço de acolhimento, de cuidado e de cura à todas as formas de vida, sejam elas humanas ou não-humanas. Zelamos por cada elemento da natureza presente em nosso território, pois, para nós, todas as vidas são sagradas e merecem ser respeitadas. Foi aqui, aprendendo a reconhecer os habitantes desse território, que iniciamos a construção amorosa de projeto de autonomia. Sentimos que a Morada da Paz não é apenas nosso lar, mas uma mulher grávida de outro mundo.

Colabore com essa campanha!



Desejamos, com a força da espiritualidade que nos sustenta, construir as bases materiais para fazer do mundo um lugar mais digno para se viver. Não apenas para as pessoas que constituem a comunidade, mas principalmente para que possamos ofertar amor e solidariedade a todas e todos que sentirem seus corações tocados pelo nosso jeito de ser e de viver. Por isso, desde que iniciamos nossa caminhada coletiva, desenvolvemos práticas educativas baseadas na história e cultura ancestral afro-brasileira com crianças, adolescentes e jovens, das escolas públicas e comunidades próximas a região em que estamos localizadas; realizando vivências eco-espirituais para jovens e adultos em nosso território; colônia de férias para as crianças; cursos de desformação, oficinas de bio-construção; entre tantas outras atividades.



Agora, iniciamos o projeto de construção da Escola ComKola Kilombola Epè Layiè. Chamamos carinhosamente de ComKola, pois, como disse nossa Yaba ancestral Mãe Preta, "as escolas tiram a cola das relações" e nós queremos reforçar essa cola e fortalecê-la, pois concebemos o sujeito como um todo integrado com o mundo.

Seja um parceiro(a) desta iniciativa que está contribuindo para a construção de uma proposta educacional transformadora!!! Aceitamos doações através de nossa conta corrente: Banco Siaredi (748) Agência: 0119 Conta: 96737-8 CNPJ: 06242174/0001-47. Torne-se parte desta história!!!



12 - Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo contribuir para a reflexão e diálogo sobre a Educação Quilombola que consiste no jeito de ser e viver e querer na missão de recuperar e reverenciar a educação ancestral (afro-brasileira, afro diaspórica e africana) com respeito às crianças e os mais velhos do Kilombo Morada da Paz aonde ela foi gestada com as bençãos de nossa Yaba ancestral Mãe Preta nasce a pedagogia do encantamento que pode ser vista como uma educação decolonial que se projeta muito além dos processos de ensino e de transmissão de saberes e que pode colaborar para fortalecer a educação escolar quilombola. Por isso utilizei da Etnobiografia para trazer as práticas docentes de dentro e de fora, procurei dar atenção aos conceitos chaves.

Tivemos uma era de avanços obtidos com a conquista dos movimentos negros que começa com o Estatuto da Igualdade Racial- Lei nº12.288, de 20 de julho de 2010 destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica; e trazendo como obrigatoriedade o estudo da história geral da África e da história da população negra no Brasil, observando o disposto na Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, as Políticas Afirmativas e reparativas como ações através de programas e medidas especiais adotados pelo estado e pela iniciativa privada para a correção das desigualdades raciais e para a promoção da igualdade de oportunidades, as inúmeras discussões sobre a Educação para as Relações Étnico Raciais – ERER, as Diretrizes da Educação Escolar Quilombola, as políticas de cotas e todos os resultados que trouxeram empoderamento aos estudantes negros.

Atualmente, vivemos um momento em que nosso país passa por uma mutilação na educação, uma perseguição aos povos tradicionais e suas comunidades, principalmente na questão das terras que já são direitos conquistados, mas que de alguma forma esse governo que aí se encontra quer retirar com as manobras que o

sistema capitalista encontra para destruir e desqualificar os direitos. Para continuarmos sonhando com o jeito de viver e ser das comunidades tradicionais, quando o assunto é educação os olhares precisam ser de atenção, unidade e muita perseverança para não nos transformarmos em algo que não somos, então, precisamos nos reorganizar e intensificar as lutas.

Como uma kilombola da zona rural do estado do Rio Grande do Sul, mulher negra, do axé venho na conclusão desse curso relacionar a experiência da prática docente vivida no kilombo como por exemplo: a contação de história sobre quem somos enquanto kilombolas, quem nos trouxe até esse kilombo e tudo que aprendemos com nossas divindades – os orixás dentro e fora do terreiro que vem ao encontro das Diretrizes da Educação Escolar Quilombola com a pretensão de colaborar para fortalecer essa modalidade e visibilizar estratégias pedagógicas que fortaleçam as Escolas Kilombolas.

Construir um processo de resistência em que a história, a ancestralidade estejam presentes no processo de enraizamento e identidade das crianças e dos jovens, assim trazer a importância dos conhecimentos e saberes que acontecem dentro das comunidades. Sinto que é preciso uma reflexão sobre a educação quilombola e esse processo de escolarização do mundo para não perdermos a autonomia que habita organicamente as comunidades tradicionais como os kilombolas, indígenas e do campo.

Acredito e sinto que nenhuma escrita chega ao final, temos muito que dialogar sobre a Educação Escolar Quilombola. Precisamos saber como estão os quilombos, como estão os professores, como podemos enfrentar o racismo escolar. Talvez seria importante encontros de desformação para intercâmbios quilombolas. Não podemos nos perder, precisamos re-viver, re-existir nessa luta contínua como diz Walsh (2009) e nada justifica a falta de esperança, como diz Mãe Preta (desde de sempre).

Referências bibliográficas

LOPES, Nei e SIMAS, Luiz Antonio. **Filosofias Africanas: uma introdução**. – 1ª edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

OKARAN, Coletivo de pesquisadoras e pesquisadores Kilombolas. **Um jeito de ser e viver no Kilombo de Mãe Preta**. Série Saberes Tradicionais, v.3 – São Leopoldo: Casa Leiria, 2020.

TV ESCOLA- SEED-MEC. Salto para o Futuro- **Educação Quilombola**. Boletim 10 – junho, 2007.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: modos e significações** – Brasília, 2015.

SCHAEFER, Bruno Marques. **Sentidos e Representações do trabalho docente em sites de professores particulares: entre precarização e liberdade** –TCC UFRGS. Porto Alegre, 2020.

SOMMER, Marianna Moro. **Ocupando a Escola: Ecos do Movimento Secundarista e suas contribuições para a perspectiva sociológica**-TCC UFRGS. Porto Alegre, 2020.

BRASIL, **Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: SECAD; SEPPPIR, junho, 2009.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: SECAD ME, 2004.

KIEKOW, Pedro Eduardo. **Diálogos possíveis entre a educação do campo e a educação quilombola: início de uma proposta de uma Educação do Campo Kilombola** – TCC UFRGS. Porto Alegre, 2020.

SOUZA, Sullivan Ferreira de, et. Alii. **Educação Quilombola e Decolonialidade: um diálogo intercultural**. PUCPR, 2015.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**. n11. Brasília, maio Ago de 2013, PP. 89-117. 2013.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola**. Parecer CNE CEB nº 16 de 2012. Resolução nº08, de 20 de novembro de 2012.

BRASIL, Lei nº10.639 de 09 de janeiro de 2003: inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2003.

MOURA, Glória. Proposta Pedagógica Educação Quilombola. In: BRASIL, **Educação Quilombola**. Salto Para o Futuro. Boletim 10, junho, 2007.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**: Belo Horizonte. V.26, n,01, p.15-40. abr., 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A Colonialidade do Saber**: eurocentrismo e Ciências Sociais perspectivas latino-americanas. Colección Sur-Sur, CLACSO, Ciudad Autonoma de Buenos Aires, Argentina, setembro, 2005.

Walsh, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, vera (Org.). **Educação Intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 07 Letras, 2009.

SILVA, Paulo Sérgio da. **Contornos pedagógicos de uma educação escolar quilombola**, Porto Alegre, 2013.

YASHODHAN (Denise Freitas Dornelles). **PÉREGÛN: a construção do currículo de ciências da natureza em uma Escola Kilombola – estudo de caso da Escola Comkola Kilombola Epé Layiè CoMPaz- UFRGS**, março, 2019.

YASHODHAN (Denise Freitas Dornelles). **Seminário Integradores**. Encruzilhada de “T”. julho, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42ª edição.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia. Editora Edufba, 2008.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. Pedagogia da Diferença: a tradição oral africana como subsídio para a prática pedagógica brasileira. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

LABREA, Valéria Viana, YASHODHAN, BAOGAN, FOLAYAN, YAMORO, YABACE, OPA TENONDÉ, KIEKOW, Pedro, Eduardo. **Pedagogia do encantamento e economia do afeto: cartografia subjetiva em território feminino kilombola**. Porto Alegre, FAGED UFRGS, 2017 (Projeto de Pesquisa OKARAN)

KIEKOW, Pedro E. **Epé Layiè (Terra Viva)**. Porto Alegre, UFRGS -FAGED EduCampo, 2017.

AYAN. **Pare e Pense**. Triunfo, Música, 2017.

BAOGAN. **Lugar, vivências e territorialidade kilombola: um ensaio sobre a Comunidade Morada da Paz**. Porto Alegre, UFRGS_FAGED EduCampo, 2017.

YASHODHAN; KIEKOW, Pedro E. **Inventário em Comunidade Kilombola Morada da Paz Território de Mãe Preta**. Porto Alegre, UFRGS _ FAGED EduCampo, 2017.

DAVID, Cláudia Rocha. **Etnografia da Infância e vida em Comunidade: brincar e aprender**. UFRGS, Porto Alegre, 2015.

DORNELLES, Denise F; DAVID, Cláudia Rocha; ROCHA, Kelly. **DO QUILOMBO COM Q PARA O KILOMBO COM K: em relação dialógica entre temas históricos e atos limites**. II Congresso Internacional Paulo Freire: o legado global. Eixo 5. Reinventando Paulo Freire Oficina e ou minicurso, UFMG, 2018.

Referencial teórico – prático - vivencial

CoMPaz, Estatuto Nosso Jeito de Ser e Viver na Comunidade Kilombola Morada da Paz (alteração), Triunfo, 2019.

Encontro de Desformação. Comunidade Kilombola Morada da Paz, Triunfo, 2018.

Diálogos com Yas e Bábás do Território de Mãe Preta, 2020.

Diálogos com Mako'ilè- Coordenação Pedagógica da Comkola sobre Educação Kilombola com K e Educação Escolar Quilombola, agosto-setembro, 2021.

Relatório das vivências na Escola Comkola Kilombola 2020-2021

Relatório do Projeto de Pesquisa UFRGS- Astronomia nas Culturas: educação científica e formação de professores na Educação Básica 2019-2020.

Diálogos com os Educadores da Escola Comkola Kilombola Epé Layiè

Áudios gravados de agosto até os últimos instantes da escrita com os educadores, às vezes, comigo mesma, com a Professora Rosimeri e a Professora Valéria

Chuva de luz!!!!